



Universidade Federal de Goiás
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação
Coordenação do Ensino Médio

IGOR MARTINS BARBOSA

A INSCRIÇÃO DA MEMÓRIA NO ROMANCE *MENINO DE ENGENHO*

GOIÂNIA
2015



Universidade Federal de Goiás
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação
Coordenação do Ensino Médio

IGOR MARTINS BARBOSA

A INSCRIÇÃO DA MEMÓRIA NO ROMANCE *MENINO DE ENGENHO*

Artigo apresentado como requisito para aprovação
do Trabalho de Conclusão de Curso de Ensino
Médio do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à
Educação, da Universidade Federal de Goiás.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ilse Leone B. C. de Oliveira

GOIÂNIA

2015



**Universidade Federal de Goiás
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação
Coordenação do Ensino Médio**

Certidão de Apresentação e Avaliação do Trabalho do Ensino Médio

Goiânia, 11 de dezembro de 2015.

Certifica-se que o Aluno IGOR MARTINS BARBOSA, matrícula 150030, série 3º Ano A do Ensino Médio, apresentou seu Trabalho de Conclusão de Curso: A INSCRIÇÃO DA MEMÓRIA NO ROMANCE *MENINO DE ENGENHO*, sendo este avaliado pelas docentes:

1. Profª. Drª. Ilse Leone B. C. de Oliveira (Orientadora)
2. Profª. Drª. Luzia Rodrigues da Silva
3. Profª. Drª. Maria de Fátima Cruvinel
4. Profª. Drª. Célia Sebastiana da Silva (SUPLENTE)

conferindo-lhe sua _____ com conceito final _____ .

Assinatura dos membros da Banca Avaliadora.

Orientadora

Banca Avaliadora

Banca Avaliadora

I – A importância da produção de memórias

Para falar da memória não precisamos ir tão longe no tempo. Podemos começar falando de uma viagem em família. Uma viagem de uma cidade à outra. Enquanto estão a caminho do seu destino, os viajantes conversam entre si, falam de seus trabalhos, falam de sua história, do que os incomoda e do que os alegram. Falam de muitas coisas, lembram de momentos distantes que não são lembrados de qualquer forma, porque provocam emoções. São lembranças antigas que fazem parte de uma vida toda e da vida de todos!!

Assim, a produção das memórias vai deixando-os mais próximos, vai fazendo com que tenham um bom diálogo, fazendo com que fiquem mais juntos, ali, a trocar algumas lembranças. O pai conta a história de quando trabalhava na roça, conta o quanto sofreu para tentar sobreviver naqueles tempos difíceis, conta como ele e os irmãos brincavam quando eram criança. Lembra que tudo era diferente, não existia tecnologia, eles faziam seus próprios brinquedos e eram muito felizes com isso. Ele conta tudo isso com saudades nos olhos.

A mãe vem contar de sua família, de como trabalhava, até mesmo de como viera a encontrar o seu marido, de como passaram por dificuldades... mas que tudo aquilo valera a pena e, se fosse preciso, passaria por tudo de novo sem pensar duas vezes.

Os filhos ficam admirados com essas lembranças. Às vezes não têm tantas histórias para contar. Não são tão vividos, não sabem tantas coisas, mas escutam toda essa conversa com muita atenção. Eles vivem aquele momento, pensam que um dia eles serão os contadores de histórias. Irão também contar as histórias de seus pais para seus filhos. Contarão para eles o quanto as coisas mudam, que o tempo passa, as pessoas evoluem, mudam seus pensamentos e suas realidades. Mas sempre resta a memória e aquela saudade de viver tudo novamente.

Halbwachs, discutindo a necessidade de uma comunidade afetiva para produção de memórias comuns, considera que

de um lado, os depoimentos dos outros serão impotentes para reconstruir nossa lembrança apagada; de outro, nós nos lembraremos, em aparência, sem o apoio dos demais, de impressão que não comunicamos a ninguém.

Resulta disso que a memória individual, enquanto se opõe à memória coletiva, é uma condição necessária e suficiente do ato de lembrar e do reconhecimento das lembranças? De modo algum. Porque, se essa primeira lembrança foi suprimida, se não nos é mais possível encontrá-la, é porque, desde muito tempo, não fazíamos mais parte do grupo em cuja memória ela se conservava. [...] Não é suficiente reconstruir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta

reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade (HALBWACHS, 1990, p. 34).

Ou seja, é extremamente importante para a sociedade a produção da memória em grupo. Os grupos familiares como outros grupos se constituem em conversações e lembranças. O indivíduo é criado em meio ao que foi vivido e vivenciado por seu grupo familiar e por ele mesmo. Essas lembranças fazem parte do seu caráter, o fazem ser quem ele é atualmente, seja a lembrança boa ou ruim. O ato de recordar, em grupo especialmente, pode nos fazer tomar decisões e caminhos diferentes. Podemos mudar nossos pensamentos, mas o que um dia foi nos ensinado ou vivido por nós não é esquecido mais. O indivíduo pode até deixar de pensar em algo que lhe aconteceu, mas quando se fala de algum acontecimento do qual participou, ainda que como espectador, a lembrança traz toda aquela experiência à tona.

É nesse exercício de produção de memória individual, vinculada à produção de memória de um determinado grupo social e de um determinado período da história do Brasil, que se inscreve o romance *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, obra que será analisada, nesse trabalho, sob o ponto de vista da narrativa ficcional de caráter memorialístico.

Será realizada nesse trabalho uma análise sem pretensão de grande aprofundamento teórico. Exponho minha leitura desse romance com o objetivo de fazer ressaltar a inscrição do discurso memorialístico na narrativa de Carlos de Melo/José Lins do Rego e a (re)construção de um tempo sócio-histórico por meio da produção de memória.

II – *Menino de engenho*: o livro

O livro *Menino de engenho* (REGO, 2008) é narrado em primeira pessoa. É a história de um menino que teve sua mãe morta pelo seu pai, com mais ou menos quatro anos foi mandado para o engenho de seu avô, aonde passou sua infância e sua adolescência, conhecendo como era esse maravilhoso lugar. Lá viveu muitas aventuras, conheceu pessoas novas, e até chegou a ter seu primeiro amor.

Essa narrativa foi publicada a primeira vez no ano de 1932. Depois, houve várias edições desse romance criado por José Lins do Rego. Rego foi um escritor formado em direito, casado e pai de três filhas. Esse livro recebeu o prêmio da Fundação Graça Aranha e a primeira edição de dois mil exemplares foi quase toda vendida no Rio de Janeiro.

O romance se caracteriza como uma narrativa de memória. O autor consegue nos deixar em dúvida se o que ele escreve é mesmo um fato acontecido ou uma ficção. A história é contada com muito clareza e detalhes, nos faz viajar em um mundo que talvez só conheçamos por meio das narrativas de quem o vivenciou. Podemos ver como era o tempo da escravidão – quando ela já não deveria existir – e como os coronéis eram autoridade no início do século XX. Esse livro estabelece uma ligação muito próxima entre memória e ficção, sendo, por isso, objeto de pesquisas e estudos de várias pessoas que buscam conhecimento acerca dos processos de produção da memória e de como se organizava a sociedade daquela época.

III – Eixos da produção memorialística em *Menino de engenho*

Foram selecionados dois eixos possíveis para análise da produção memorialística em *Menino de engenho*. Focalizaremos, nesse romance, 1) a inscrição do discurso memorialístico na narrativa de Carlos de Melo/José Lins do Rego e 2) a (re)construção de um tempo sócio-histórico por meio da produção da memória.

Assim, para discutir mais sobre a memória inscrita no livro *Menino de engenho*, foram destacadas algumas marcas discursivas da narrativa de memória e também do período histórico, de forma que se possa perceber mais a presença da memória nessa narrativa.

1) A inscrição do discurso memorialístico na narrativa de Carlos de Melo/José Lins do Rego

O autor, por meio de um narrador de primeira pessoa – Carlos de Melo – produz as memórias de Carlinhos/José Lins do Rego, conforme se lê em passagens como “Eu tinha uns quatro anos no dia em que minha mãe morreu (REGO, 2008, p. 33).” Está clara, aí, pela marca discursiva da primeira pessoa e do tempo verbal, a história de Carlinhos, produzindo a memória de José Lins do Rego que também perdeu sua mãe muito cedo. Evidencia-se, então, que há uma pessoa contando que, quando tinha 4 anos, aconteceu esse terrível fato que fora a morte de sua mãe. Essa pessoa é Carlinhos, personagem que o autor usa para contar sua história. Como dizem Oliveira e Delgado (2006, p. 126):

O autor transforma a si próprio em personagem em *Menino de engenho*, o que é óbvio. O que não é tão óbvio é que ele se transforma duplamente: no menino Carlinhos, a quem acompanhamos o tempo inteiro, e no adulto Carlos de Melo, narrador quase transparente, de cuja existência tendemos a nos esquecer.

O autor mostra um pouco como pode ser difícil produzir a nossa memória de criança, quando, na narrativa, fala da época em que Carlinhos era muito novo: “O que se passou depois não me ficou bem na memória (REGO, 2008, p 34).” Não temos uma memória tão boa de quando éramos muito criança. Vivemos muitas coisas e nem sempre é possível lembrarmos de tudo que vivemos na primeira infância. Pouca coisa se guarda dessa fase da vida. Aquele que pensa lembrar de alguma coisa, muitas vezes é porque algum parente lhe contou alguma história, dizendo como ele era, o que fazia, ou até o que acontecera em uma data especial. Por ter acesso a essas informações, a pessoa pensa lembrar de certos fatos, de certos momentos, mas, no fim, é apenas uma lembrança que se foi produzida por meio de uma história contada por outros. Como diz Bosi (1973, p. 21-22), “Quando queremos lembrar o que aconteceu nos primeiros tempos da infância, confundimos muitas vezes o que se ouviu dizer aos outros com as próprias lembranças...” Não restam dúvidas de que nossa lembrança vai ficando mais produtiva à medida que vamos crescendo e exercitando-a. Nossa infância pode não ser tão facilmente lembrada, se não contarmos com a memória compartilhada de nosso grupo familiar e/ou social.

Em nossas vidas há momentos únicos que nos marcam demais e não deixamos nunca mais de lembrá-los. O autor também fala disso em seu romance, quando Carlinhos diz: “Pensava sempre em minha mãe diante de qualquer coisa triste da vida. Esta lembrança vinha-me acompanhado em todos os caminhos da minha sensibilidade em formação (REGO, 2008, p. 94).” A lembrança do filho ao recordar o rosto de sua mãe não mais se apaga. Para esse filho, a lembrança de sua amada mãe o assalta sempre que ele está triste. Muitas vezes, não é nesses momentos que se deseja lembrar uma pessoa querida. Por isso, ocorre de algumas lembranças ficarem como que dispersas na memória que se produz, mas ao mesmo tempo sempre presente, dependendo do estado de espírito do sujeito rememorador. Essa questão é explicada por Bosi, citando Bergson (1959):

Para tornar mais evidente a diferença entre o espaço profundo e cumulativo da memória e o espaço raso e pontual da percepção imediata, Bergson imaginou representá-la pela figura de um cone invertido: na base estariam as lembranças que “descem” para o presente: no vértice estariam os atos perceptuais que se cumprem no plano do presente e deixam passar as lembranças: “Esses dois atos, percepção e lembrança, se penetram sempre, trocam sempre alguma coisa de suas substâncias por um fenômeno de endosmose” (BOSI, 1987, p. 10).

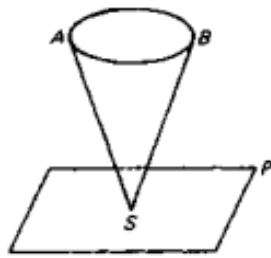


Figura 4

Bergson (apud Bosi, 1987, p. 10), representa a memória com essa imagem. Ele usa um triângulo SAB que representa a memória, o plano P é o momento em que vivemos o presente. O plano AB representa as memórias mais antigas de cada indivíduo, o de que ele pouco se recorda. O ponto S é o que está mais presente, o que está mais fresco na memória de cada um. Podemos ver nessa representação que nossa memória sempre guarda tudo, está tudo lá, o problema é que muitas vezes não é fácil produzir uma memória, não é fácil lembrar. O recurso para produzir essa memória quase inacessível é ter alguém que nos ajude a lembrar, ou vivenciar uma situação que nos faça pensar naquele momento já quase esquecido.

Rego (2008) de várias formas nos apresenta a produção de suas memórias. Dando voz a Carlos de Melo, ele constroi a infância de Carlinhos e a sua própria, se considerarmos as coincidências na vida dos dois meninos: os problemas da falta de saúde, a falta da mãe, os conflitos com a sexualidade e com o complexo de rejeitado. Explorando essas coincidências, Trigo (apud Oliveira e Delgado, 2006, p. 126) assevera serem essas “tristezas que não deviam ser as de menino”.

Vemos também a referência à produção de memórias de pessoas mais velhas, nessa história, quando o narrador fala sobre seu Rodolfo: “O seu Rodolfo sabia de muita coisa. Vivia consertando engenhos desde menino. E de toda parte trazia uma história (REGO, 2008, p. 97).” Pelo que diz o narrador, seu Rodolfo é um senhor, talvez já bem idoso. O seu Rodolfo já viveu bastante e por isso tem muitas histórias para contar. Bosi, por sua vez, explica essa relação do velho com a produção de memória:

Bem outra seria a situação do velho, do homem que já viveu sua vida. Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está entregando-se fugitivamente às delícias do sonho: ele está-

se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida (BOSI, 1987, p. 23).

Bosi demonstra como é importante a memória para o velho, depois de viver uma vida toda esse velho quer muito contar suas histórias. Essa ação se faz tão importante para o velho que é considerada um trabalho. Ao contar uma história e relembrar de todo seu passado, o velho não está descansando, para ele isso é um trabalho, isso faz dele alguém importante que tem uma missão social para ser cumprida. O velho não tem mais disponibilidade para tantas coisas, portanto, contar histórias, produzir memórias torna-se uma função essencial, vital, daí muitas vezes a empolgação e alegria em ter alguém ouvindo suas narrativas.

O velho também não se contenta em esperar que as lembranças venham até ele. O adulto não se preocupa tanto com a memória, ele não pensa tanto em contar histórias. Assim, algumas lembranças podem ser esquecidas, e nem por isso o adulto as persegue para tê-las novamente. Se ele as recupera, muitas vezes é porque acontece de alguém tecer um comentário que faz com que aquela memória venha à tona. O velho não, ele vai atrás, procura pesquisar e lembrar das coisas, ele conversa com outros velhos, ele procura lembrar das atividades antigas em que ele se ocupava, ele faz o que for preciso para tentar lembrar de tudo que vivera. Mas, para o velho, a lembrança também não é tão simples, a cabeça já não é tão boa, ele não tem tanta facilidade para lembrar. Por isso, mesmo lutando e tentando, muitas coisas serão esquecidas.

São muito importante histórias como essa para a formação humana de nossa sociedade. Narrativas assim nos fazem reviver a nossa história, (re)produzindo a memória, provocando-nos a vontade de viver, pensar, de fazer nossa própria história, lembrando-nos sempre do que já vivemos e como vivemos. Rego, por meio de suas personagens, nos trouxe à tona a lembrança de um tempo passado, além de trazer novos modos de pensar esse tempo.

Vivendo sua infância no engenho, Carlinhos passa por algumas mudanças, mas não foram tantas. Já ao final da narrativa, quando vai para a escola, a ideia que se formava na cabeça dele e de todos com quem convivia é que ele mudaria seu jeito de ser, seria alguém melhor, conforme se lê em “Todo mundo acreditava nisto. Este outro, de que tanto falavam, seria o sonho da minha mãe. O Carlinhos que ela desejava como filho. Esta lembrança me animava para a vida nova” (REGO, 2008, p. 147). Durante todo tempo que Carlinhos ficou no engenho não se viram tantas mudanças no jovem. Ele vai crescendo, passando por várias aventuras, mas o seu jeito de ser e pensar quase que é sempre o

mesmo. Ele conhece coisas novas, deixa um pouco de ser infantil, mas ainda assim não sofre uma mudança tão grande em sua personalidade. Oliveira e Delgado também falam sobre isso quando afirmam que a

evolução cronológica da narrativa é sutil. Com uma referência aqui, outra ali, o narrador vai registrando os passos dos anos sem grandes saltos, de forma que o Carlinhos de quatro anos está em perfeita sintonia com o Carlinhos aos doze anos. Une-os, naturalmente, a voz do Carlos de Melo, que revisita a si mesmo em diversas idades. O adulto anda de mãos dadas com o menino e depois com o adolescente, mas a voz que prevalece é a dele. Carlinhos, portanto, não se apresenta ao leitor tal como viveu na infância, mas contaminado e modificado pela visão do adulto memorialista (OLIVEIRA e DELGADO, 2006, p. 127).

Confirma-se que Carlinhos continua sendo quase o mesmo. Oliveira e Delgado (2006) explicam a perfeita sintonia entre o Carlinhos de quatro anos e o adulto Carlos de Melo. O autor deu voz ao adulto Carlos que conta a história de sua infância. Assim, esse adulto conta a história de sua infância não somente pelo que aconteceu realmente nela, também está presente a visão do adulto que conta. Ele produz suas memórias determinado, influenciado pelas experiências que vivenciou e que o constituem no seu tempo presente.

Assim, Rego (2008) nos mostra mais da memória, ele sempre usa palavras que nos deixam bem cientes que o romance é uma narrativa de memória. O que se confirma em passagens como “Ainda me lembro de meu pai” (REGO, 2008, p. 35), “ Lembro-me da viagem de trem e de uns homens que iam conosco no mesmo carro. ” (REGO, 2008, p. 37), “ Ainda hoje, quando encontro enterro de criança, é pela minha prima Lili que me chegam lágrimas...” (REGO, 2008, p. 46). Em todos esses trechos encontram-se inscritas as marcas do discurso memorialístico.

2) A (re)construção de um tempo sócio-histórico por meio da produção da memória

O romance nos traz também uma série de demonstrações da época em que Carlinhos/Carlos de Melo/José Lins do Rego viveram. É uma época em que a escravidão já havia sido abolida, mas ainda assim existia a exploração do trabalho, nos moldes da escravidão. Era nova essa ideia de não ter mais escravos e os senhores de engenho não haviam a ela se acostumado.

Podemos ver em algumas passagens da narrativa como eram as relações de poder e de trabalho naquela época, início do século XX: “Eu avalio como não está o Coronel Cazuza (REGO, 2008, p. 37). ”, “O nome do cangaceiro era bastante para mudar o tom

de uma conversa (REGO, 2008, p. 48). ”, “Ele tinha perdido um escravo. Numa virada de canoa (REGO, 2008, p. 56). ” O narrador refere-se a um Coronel. Naquela época os Coronéis eram as pessoas que mandavam, eles coordenavam as eleições, faziam as leis, eram eles que mandavam em tudo. Os cangaceiros eram aqueles que botavam medo, homens que não costumavam ter lugar para ficar, viviam andando, mas sempre apareciam nos lugares, roubavam e faziam medo nas pessoas. Fala-se também nos escravos que, como já havia falado, mesmo com a abolição ainda não tinham sua liberdade completa. Isso porque, geralmente, não tinham para onde ir, nem o que fazer. Ficavam, então, vinculados ao senhor de engenho, trabalhando em troca de abrigo, comida e, principalmente, proteção. Essa descrição do passado é muito importante para registrar a história, para compor o quadro social de uma época que pode, assim, ser apreciado pelas gerações que se sucederam. Oliveira e Delgado também falam disso, quando escrevem que a

história e a literatura trabalham o passado, cada uma a seu modo. Se os conteúdos históricos parecem ter pouco a ver com os alunos, pois não fomentam a curiosidade, a surpresa e o espanto diante da descoberta do modo como homens e mulheres viveram há muitos anos, a literatura possibilita aos estudantes entrar em contato com o passado por meio de personagens que têm nome próprio e histórias singulares. Desse modo, a literatura envolve mais facilmente os alunos pelo enredo que os aproxima das experiências vividas em outros tempos (OLIVEIRA e DELGADO, 2006, p. 21).

Em trechos como os que cito a seguir, Rego (2008), dando voz a Carlinhos, (re)produz para os leitores alguns aspectos muito peculiares ao seu tempo. É o que podemos ler em “Nós íamos sair de casa em carro de boi para a caatinga.” (REGO, 2008, p. 58), e também em “O meu avô mandou botar o cabra no tronco. E nós fomos vê-lo, estendido no chão, como pé metido no furo do suplício.” (REGO, 2008, p. 72). Não há dúvidas aí de que ele fala de tempos antigos. Ele fala sobre carro de boi, algo que já não faz parte mais de nossa época, a não ser como um meio de transporte, por assim dizer, “pitoresco”, que nos transporta para a realidade de um outro tempo. E a narrativa nos traz a lembrança deste humilde meio de transporte. É também pela voz de Carlinhos que ficamos sabendo como eram punidas as pessoas que faziam coisas consideradas erradas naquela época, principalmente os escravos. A justiça era feita com as próprias mãos, afinal quem mandava em tudo eram os coronéis. Esse romance nos traz uma imensa riqueza de cultura.

Para os leitores desse romance, certamente, sempre ficarão gravadas algumas das marcas do nosso passado sócio-histórico, inscrito na produção memorialística de José

Lins do Rego. Essas marcas provocam certa curiosidade, certa vontade de descobrir mais sobre nossa história, nossas memórias. Isso é positivo, pois todos nós precisamos saber mais como eram nossos antepassados, como foi a vida, a luta deles para que tudo se tornasse no que é o hoje. Para que compreendamos um pouco mais o que somos hoje.

IV – Considerações finais

Busquei, neste trabalho, discutir o romance *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, com o objetivo de observar as marcas, na narrativa, do discurso memorialístico e a (re)construção de um período sócio-histórico por meio da produção de memória. Para alcançar esse objetivo, fundamentei-me em Halbwachs (1990) e Bosi (1987), que teorizam sobre memória, e em Oliveira e Delgado (2006), que discutem a inscrição da memória nesse romance.

Selecionei passagens do romance que nos possibilitam perceber que, nesse livro, há o predomínio da ficção memorialística. Além de trazer à tona, de forma ficcional, a sua história, José Lins do Rego (re)constrói todo um contexto do início do século passado. A partir dos trechos da narrativa e dos pensamentos de Halbwachs, Bosi e Oliveira e Delgado, podemos ver como a memória faz parte de toda nossa vida e história, como ela nos faz ser quem somos e como somos. Podemos também entender como é importante lembrar as sociedades antigas. Podemos ver que, se nossa sociedade é o que é hoje, devemos isso aos nossos antepassados que passaram por diversas situações até que chegassemos à que vivemos hoje. Assim, relizei este trabalho e o intuito final é instigar os leitores a também ler essa maravilhosa narrativa, provocar o interesse e a vontade de outros leitores para ela narrativa, pois, mesmo sendo um livro escrito há vários anos – e certamente por isso mesmo – ele nos traz grandes experiências, além de ter uma emocionante história.

V – Referências

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2. Ed. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- OLIVEIRA, Ilse Leone B. C. de e DELGADO, Andréa Ferreira. Memória e tessitura da narrativa: uma experiência escolar de leitura. **Revista Solta a voz**, v. 17, n. 2, jul./dez. 2006 – Goiânia: Cepae-UFG.
- REGO, José Lins do, 1901-1957. **Menino de engenho**; nota de Carlos Drummond de Andrade; estudo de Antonio Carlos Villaça – 94ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.